Ano XVIII — Lisboa, Abril de 1962 — N.º 204

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Galardoado com a medalha «Lis de Prata» da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 - Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

FALEMOS DO "UM"

Pelo Rev. Eduardo Moreira

Todos nós somos diferentes. O «sósia», de que se fala às vezes, é um «quase-sósia», porque o bom observador lhe encontrará dessemelhanças. Ainda que exista, se existe, um parceiro das nossas impressões digitais, nós lhe acharemos diferenças no uso que fará dos dedos... As «almas-gêmeas» do Visconde de Arlincourt, eram um bonito produto da sua imaginação romântica e não o resultado de observação real.

Todos diferentes, os dedos da mão, ainda que todos irmãos, como notava o bom-senso dos antigos.

Ora pois, falemos desse saudoso Grupo n.º 1, onde todos éramos irmãos diferentes, muitos na idade, alguns na nacionalidade, todos na «formação», no temperamento; em mil coisas mais ou menos perceptíveis que nos diversificam na sociedade humana.

Desde aquele que sempre tinha um sorriso, nascido do coração, ao exclamar à chegada de cada adolescente, de cada jovem, de cada homem feito: «seja bem vindo!» até aos mais pequenitos, a quem os outros chamavam, com terno humorismo, o «mal-se-enxerga» ou o «mal-se--tosca».

Todavia, que saudosa irmandade aquela! Ali se canalizavam as energias, se moderavam as exuberâncias, se espevitavam as chamas mortiças, se estimulavam as forças latentes, se aproveitavam as iniciativas, se impeliam os retardatários, se dava «handicap» aos fracos e se ensinava o altruísmo aos fortes. E o mestre era um camarada, o treinador era um no jogo, o preleptor um guia no colóquio.

O Grupo 1 nasceu do acolhimento dado aos jovens britânicos, Frank Giles e John Brown; do espírito compreensivo do suíço Rodolfo Horner e do luso-britânico Roberto Moreton; mas em grande parte se deveu à massa dúctil dos rapazes portugueses que o constituíram: esfusiantes, traquinas; folgazes, ou serenos, pensativos, saudosos, como o «Desterrado» com que o génio de Soares dos Reis quis alegorizar uma das facetas do feitio português.

Muitos desses rapazes aí estão vivos, ocupando dignamente seus lugares na Grei, consoante valores revelados e circunstâncias múltiplas, muitas delas imponderáveis mas em que ocupa lugar de relevo a ponderação. E apesar das diferenças de temperamento e de carácter que começámos por apontar, uma nota predominou na orientação das suas vidas: a tolerância, essa virtude antiga, esquecida por dois ou três séculos, obliterada em tantos e tantos na nossa terra; virtude que está ressurgindo e remoçando para bem de todos e honra da Pátria, nas suas genuínas tradições. Assim o cremos e assim o esperamos.

Educou-se, no Grupo 1, «de dentro para fora»; deu-se ocasião à espontaneidade, à iniciativa, ao brio natural; ofereceu-se o meio de correr com os próprios pés, de trepar usando os próprios braços, de pensar com as próprias mentes e afirmar por meio das próprias vozes. O ambiente estava ali. E eram homens e rapazes que o criavam, nesse velho casarão da rua das Gaivotas, de grandes salas onde outrora Junot, o sargentão napoleónico, dera bailes, e onde mais tarde se conspirara, em períodos de exaltação popular, ou populista. Agora — que diferença! — os jogos recreativos e exercícios físicos, as aulas práticas, os belos cânticos, os alegres risos, a preparação das saídas para o ar livre do campo, tudo isso enfim formava ambiente e modelava novos homens, livres de abu-

Pág. 2 ——→

28 DE ABRIL

Dia do Escoteiro - Dia de S. Jorge

Este é um dia de repto para os homens de valor! Quando pensamos em S. Jorge, as nossas mentes recordam a era da Cavalaria, quando os cavaleiros aceitavam alegremente os reptos para defender o que era correcto e justo, sem pensar no que isso lhes poderia custar. Nós, no Escotismo, somos os seus sucessores e por isso comemoramos este dia como o Dia do Escotismo Mundial.

Hoje há tantos reptos que podemos aceitar que é difícil destacar um para o Movimento Mundial. Contudo, atendendo a que este dia é o dia do Escotismo Mundial, *pedir-vos-ia que aceitásseis o repto de pôr mais interesse na ideia da Fraternidade Mundial. Eu sei que estais constantemente lembrando aos rapazes com quem trabalhais que eles têm milhões de irmãos em mais de setenta países, distribuídos por todo o mundo, mas pediria que neste dia especial como é o Dia de S. Jorge, aceitásseis o repto de fazer algo* especial. *Fazei-o de forma dramática e cheia de acção, sabendo que os rapazes aprendem melhor com a prática. Ao planear para este* Dia de S. Jorge, do Escotismo Mundial, *recordemos os nossos fins básicos e as boas-vindas que damos a cada rapaz ao ingressar nesta Fraternidade Mundial do Escotismo, quando recebe a sua investidura. Façamos algo real para ajudar a fortalecer a nossa Fraternidade confiecendo-nos melhor neste mundo que necessita de homens de valor para aceitar esta classe de repto.*

D. C. SPRY

Director da Repartição Mundial de Escotismo. Mensagem de 1961

JOÃO PEREIRA DA ROSA

Em 24 de Março passado, faleceu em Lisboa este antigo e ilustre jornalista, Director do diário «O Século», jornal que sob a sua orientação prestou ao Movimento Esco-

Pág. 2 ——→

ANTIGOS ESCOTEIROS

TERTÚLIA

O jantar de 23 de Março, realizado como de costume na Rua de S. Paulo, 170, esteve bastante animado e, como sempre acontece, apareceram novos companheiros. Estiveram presentes: Albano da Silva, esposa e filho; António A. da Silva e Cunha, António F. Xavier de Brito, Álvaro Correia, esposa e filha; Cosme Vieira Leitão, Rev. Eduardo Moreira, Eduardo Quintino Pinheiro e esposa; Eduardo Ribeiro e esposa; Ernesto Clímaco do Nascimento e esposa; Ernesto de Sousa, Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; Humberto Martins, João Henriques P. Soares, José Manuel Miranda de Melo e esposa; Levi Lobato, Luís Simões Aurélio e esposa; D. Maria Luísa C. Magalhães Esteves Pereira e seu marido, Brigadeiro Esteves Pereira; Mariano García Inácio, Pedro Pinheiro, Rui de Almeida Mourão, Walter J. Westwood, Wolf Karl, e ainda como convidado o nosso amigo sr. Manuel Gomes Chabi.

Foi uma animada e agradável reunião.

MOSS FOI ESCOTEIRO!

O famoso e conhecido corredor internacional de automobilismo, Sterling Moss, Grande Prémio das corridas de automóveis, é um antigo escoteiro.

Foi membro do Grupo de Escoteiros de Bray (Maidenhead) em Inglaterra e mais tarde passou cinco anos em Holyport onde foi guia de patrulha. Ganhou como escoteiro as especialidades de Ciclista, Corticeiro e Cavaleiro.

UM «SEMPRE PRONTO»

Há poucas semanas, um amigo nosso não escoteiro fez uma viagem de automóvel. Já tarde, na noite, deu-se um incidente que aborrece qualquer automobilista: um furo. O respectivo motorista, porém, longe de se arreliar, sorrindo e assobiando deitou-se ao trabalho, declarando: «*Eu estou sempre pronto*». O nosso amigo admirou o espírito do homem e perguntou-lhe: «*Você foi escoteiro?*». Resposta pronta:

— Pois fui! Por isso estou *sempre pronto*. Fui escoteiro no Entroncamento.

«Uma vez escoteiro, sempre escoteiro» e sempre *sempre pronto*».

"Uma vez Escoteiro, sempre Escoteiro"

Por ocasião dos tristes acontecimentos da Índia Portuguesa, apareceu na imprensa um anúncio pedindo aos Escoteiros que tinham feito parte do antigo Grupo n.º 108 de Pangim, Goa, para se dirigirem ao Tenente Macedo Pinto, à sua morada.

Este anúncio proporcionou-nos a feliz oportunidade de encontrar um espírito escoteiro que alegremente recebeu «Sempre Pronto» e nos dirigiu estas sentidas e significativas palavras:

(...) Recordações do passado cheio de ilusões que se foram perdendo no decorrer do tempo.

Os cabelos embranqueceram, o físico está gasto, mas o espírito mantém-se ainda bem.

Uma coisa não se perdeu nem perde:

A confiança na mocidade.

E sejam quais forem as tentativas de dar à mocidade ensinamentos e princípios humanos, sociais e morais, nada conseguiram sobrepor à escola escotista.

Não desanimem e seja qual for o obstáculo, continuem a manter em elevado grau tudo quanto é básico no Escotismo. Daqui lhes envio o meu entusiasmo para que prossigam pela honrosa divisa «Sempre Pronto».

Votos sinceros de
A. de Macedo Pinto

Merecem ser escutadas estas palavras de confiança e de alento de quem, em terras portuguesas de Além-Mar, batalhou pela causa escoteira num Grupo que teve nome e prestou serviços relevantes. Aqueles que compreendem e sentem o Escotismo são assim: «Uma vez escoteiro, sempre escoteiro».

JOÃO PEREIRA DA ROSA

← *Pág. 1*

teiro patrocínio e um interesse constantes. Ainda recentemente, por ocasião da Conferência Internacional de Escotismo, «O Século» inseriu um notável editorial acerca do nosso movimento. O falecimento de João Pereira da Rosa foi muito sentido nos meios escotistas nacionais e «Sempre Pronto» e todos os que em sua redacção trabalham, apresentam ao *Século* e à família enlutada as suas mais sinceras condolências.

FALEMOS DO "UM"

← *Pág. 1*

sões e preconceitos estéreis mas presos para sempre, entre si, pelos laços duma sadia fraternidade.

* * *

Onde estais vós todos, relíquias do «Um»? Vós que me ledes, deixai avolumar esses nobres sentimentos ali germinados, que decerto nunca vos terão abandonado. Recordai. Evocai esse ginásio improvisado, esse vasto salão tantas vezes ornado de bandeiras, esse estrado onde subiram alguns dos «grandes», nacionais ou estrangeiros, fosse um Barão de Stark ou um Gonçalves Viana.

E que, depois dum abraço bem português e da continência bem escoteira, rememoremos, num minuto de silêncio, os que partiram antes de nós. Formemos ainda, em espírito, como outrora, sob o céu de Portugal e ao ritmo das nossas canções, como se as abas do chapéu de Baden-Powell ainda nos sombreassem o rosto e a sua vara nos vincasse o ombro, hoje habituado a novas responsabilidades.

CINQUENTENÁRIO DO PRIMEIRO GRUPO DE ESCOTEIROS

COMEMORAÇÕES

ABRIL DE 1962

Dia 7. Sábado. Às 16 horas

Reunião de confraternização dos antigos escoteiros do Grupo Um, com um chá servido na Pastelaria Colombo, Avenida da República, 10 — H, em Lisboa.

Dia 8. Domingo. Às 15 horas

Romagem à campa de Roberto Moreton no Cemitério Inglês.

Às 16 horas

Visita à antiga sede do Grupo na Rua das Gaivotas, n.º 6, gentilmente autorizada pela actual locatária, a Liga Nacional de 28 de Maio.

Dia 9. Segunda-feira. Às 21.30 horas

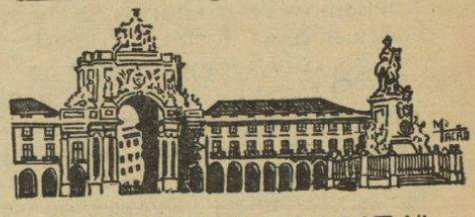
Sessão solene comemorativa no salão nobre dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, na Rua Camilo Castelo Branco (ão Marquês de Pombal).

Estas cerimónias são promovidas pela Comissão Executiva constituída pelos srs. Rev. Eduardo Moreira, Presidente de honra; Cosme Vieira Leitão; presidente; Ernesto de Sousa secretário; e vogais Humberto Martins e Albano da Silva.

Día 10. Terça-feira. Pelas 21 horas.

Culto de acção de graças no templo da Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense, Rua Febo Moniz. O Rev. Eduardo Moreira fará uma evocação histórica da fundação do Grupo e o Rev. António Vieira da Silva proferirá a homília.

Este culto é promovido pelos Escoteiros Evangélicos de Lisboa.



ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo N.º 8

Na sua sede, na Rua Febo Moniz, realizou este Grupo no sábado, 24 do mês passado, uma sessão seguida de chá, para compromisso de seis novos escoteiros, os aspirantes Orlando Gomes Pinheiro, João Manuel Ramos, José Salgueiro Paiva, Vítor Manuel J. Ferreira, Joaquim dos Santos Ramos e António Eça Tavares.

Presidiu o Presidente da Direcção Regional, sr. Prof. Aníbal Ramos, ladeado pelos srs. Rev. Guedes Coelho, presidente do Grupo; Ernesto de Sousa, presbítero Ladislau Pinheiro, da direcção do Grupo; Quintino Pinheiro, chefe regional; e o Director de «Sempre Pronto».

O Rev. Guedes Coelho abriu a sessão com uma oração e leitura do Salmo 23, tendo o Chefe Idílio Gonçalves saudado todos os presentes e dito alguma coisa acerca das finalidades da festa.

O Director do «Sempre Pronto» falou aos pais dos escoteiros, explicando as fina-

Pág. 3 →

Alguns momentos com a Comissária Guia brasileira Sr.ª D. Maria Teresa Melo

Por ocasião da promessa das Guias da 9.ª Companhia, na Catedral de S. Paulo, tivemos o feliz ensejo de conhecer a Sr.ª D. Maria Teresa Melo, jovem estudante universitária brasileira, que passou alguns meses em Portugal estudando Literatura Portuguesa e que, como dedicada Comissária Guia, Membro do Conselho Directivo das Bandeirantes do Brasil, não quis perder oportunidade de ser útil às Guias de Portugal, prestando relevantes serviços no treino de chefes e divulgação do Movimento, atendendo prontamente um apelo que nesse sentido lhe foi feito pela Repartição Mundial das Guias.

Perguntámos-lhe se estava satisfeita com as chefes que tinha instruído e respondeu-nos prontamente:

— Foi óptimo! Achei que realmente elas têm todas as possibilidades de levar o Movimento em diante.

— E que lhe pareceu da situação do Movimento em Portugal?

— Que está em pleno florescimento e todas as sementes estão dando o seu fruto. Mas ainda falta trabalhar muito.

— Só esteve em contacto com as Guias de Lisboa? — inquirimos.

— Não senhor. Visitei Aveiro Belmonte, Porto e Gaia e por toda a parte encontrei interessantes possibilidades.

Nessa tarde, as Guias da 9.ª Companhia ofereceram-lhe um chá, que foi servido em casa de uma senhora também muito dedicada à juventude, Miss Gladys Price, chá que serviu de despedida, visto a sr.ª D. Maria Teresa regressar ao Brasil brevemente. Através do seu contacto com as guias, pela forma como participava nos jogos e na sua alegria natural e comunicativa, verificámos que a nossa visitante era de facto uma Dirigente Guia vocacionada.

Saudamo-la com simpatia e desejamos-lhe um feliz regresso à sua Pátria.

---

lidades do nosso Movimento que visa a educar os rapazes proporcionando o seu harmonioso desenvolvimento físico, intelectual e espiritual, como auxiliar da família, da escola, da Igreja na tarefa de preparar os rapazes para as responsabilidades da vida.

O Chefe Regional dirigiu algumas palavras do estímulo aos novos escoteiros, depois do que o Chefe do Grupo dirigiu o acto do compromisso.

Antes de ser servido o chá, os escoteiros distraíram a numerosa assistência com um interessante acto de variedades com a projecção de diapositivos de actividades escoteiras e ainda um filme cedido pelos serviços da Embaixada Britânica acerca da história do Escotismo. Neste filme, foi bastante comovente ver e ouvir o saudoso General Leo B. Fortes entrevistado pelo locutor brasileiro.

DOS AÇORES

Grupo N.º 52—Angra do Heroísmo

Confraternização Escotista na Ilha Terceira

Acampamento do C. N. E. do Porto Judeu

No Domingo, 25 de Fevereiro, realizou-se na freguesia rural do Porto Judeu, desta Ilha, a inauguração do Grupo N.º 1 do respectivo agrupamento do C. N. E., cujas cerimónias se iniciaram com promessas, na igreja paroquial., seguidas da Santa Missa.

Findas as cerimónias escotistas e religiosas, desfilaram pela freguesia os componentes do Grupo festejado, do Grupo 52 da A. E. P. e do do C. N. E. da Praia da Vitória e Lajes. Comandou a formatura o Chefe Moniz Silva.

Para terminar o ciclo das comemorações, realizou-se um simulacro de «Fogo de Conselho» no palco do salão da Casa do Povo, que estava repleto de gente da freguesia, em que tomaram parte os rapazes do C. N. E. e os Escoteiros de Portugal.

Acendeu a simbólica fogueira, o sr. Cap. Ferreira Drumond, chefe do Agrupamento do C. N. E. na B. A. 4., dando-se início ao «Fogo» com apresentação da festa pelo assistente do Grupo do Porto Judeu, Rev. Pe. José de Menezes, que depois deu a palavra ao Rev. Pe Costa Vieira, orador que dissertou largamente sobre as suas experiências escotistas e fez a apologia do Movimento. Seguiu-se no uso da palavra, o Chefe Moniz Silva, que saudou o grupo festejado e em seguida falou sobre a personalidade do nosso Fundador, cujo aniversário havia decorrido poucos dias antes. Proferiu ainda algumas palavras de saudação, o sr. Cap. Drumond. Durante a festa ouviram-se varias canções escotistas e folclóricas, que terminou com um abundante lanche.

Festa anual dos lobitos americanos (Lajes)

Em 27 de Fevereiro, no Salão Lisboa do Clube de Oficiais Americanos, efectuou-se a festa anual dos Lobitos da «Pack N.º 1» da Estação Americana das Lajes, comemorando o 52.º aniversário dos «Boys Scouts of America.» A festa teve como convidados, além do Chefe Moniz Silva e família, delegações do Grupo n.º 52 da A. E. P. e do C. N. E. das Lajes e P. da Vitoria.

Presidiu à festa, que teve 183 convivas, o Capitão de Mar e Guerra R. O. Green, 2.º Comandante das Forças Americanas nos Açores, que dava a sua direita à Senhora de Moniz Silva seguida do Chefe Ray Blanton dos Escoteiros Americanos, do Sr. E. P. Ponte e da Sr.ª de Ray Blanton. À esquerda encontrava-se o Cap. Jordan, Chefe dos Lobitos Americanos, Chefe Moniz Silva, da Senhora de Cap. Green, e do Cap. Keinhans, Capelão Militar Americano, que dirigiu as «invocações».

Depois duma oração conduzida pelo Capelão Militar, o Cap. Jordan referiu-se ao significado do dia e ao facto de se encontrarem presentes delegações dos Escoteiros Portugueses, a quem saudou. Fez a apresentação dos convidados de Honra, e em seguida dissertou sobre Escotismo, historiando a sua fundação no Mundo até ao seu início na «Azores Air Transport Station».

Dignou-se o Chefe Jordan fazer uma referência especial à cooperação que desde as primeiras horas, lhes foi prestada pelo Chefe Moniz Silva, do 52 da A. E. P.

Seguiu-se o jantar, após o qual falou o Sr. E. P. Ponte, do Corpo de Engenheiros Americanos, pessoa de ascendência portuguesa, que apresentou um bem elaborado trabalho sobre Escotismo, com análise profunda e pormenorizada sobre o significado da Lei e da Promessa Escotistas, trabalho que foi muito apreciado.

Esta festa terminou com a entrega de distintivos e recompensas.

Nas mesas das diversas alcateias, viam-se exposições de trabalhos manuais, alguns dos quais demonstrando bastante mérito e originalidade. — C.

O GRUPO N.º 16 DE CARCAVELOS VAI SER REORGANIZADO

O Corpo Directivo do «Sempre Pronto» esteve em Carcavelos no sábado, dia 17 do mês passado. O nosso Jornal está vivamente interessado na reorganização do antigo grupo daquela localidade e quisemos ouvir todos aqueles que podiam contribuir para tornar realidade este desejo. Tivemos assim ensejo de nos entrevistarmos com o eng.º Brotas Cardoso, que gentilmente nos recebeu na sua residência. Foi-nos, por este, dito que viacom muita simpatia tudo quanto fosse feito para ressurgir a antiga unidade, mas que a sua vida não lhe permitia que assumisse a chefia do grupo, tanto mais que frequentemente se encontra ausente do país em serviço profissional.

Perguntámos-lhe se não poderia fazer parte da Direcção. Imediatamente se ofereceu não só para fazer parte da Direcção do Grupo, mas para empregar todos os esforços para convidar as entidades que a pudessem constituir. Delineando um programa de reorganização da unidade, foi sugerido convidar o antigo presidente do Grupo sr. dr. Marques da Mata, o antigo escoteiro sr. eng.º Luís de Herédia; um membro da família Rola, a que o Escotismo de Carcavelos tanto deve; e um representante da Corporação dos Bombeiros, que está pronta a patrocinar o «16».

Disse-nos ainda o nosso entrevistado, que foi submetido à aprovação da Câmara de Cascais o projecto da construção de um edifício, que servirá para sede das agremiações da Vila, particularmente dos Bombeiros e da Sociedade de Recreio, e que os promotores dessa iniciativa tinham contado com instalações para os Escoteiros. Esta atitude põe em relevo o interesse destas entidades na reorganização do Grupo de Escoteiros de Carcavelos.

Entretanto, o Chefe António Viegas Custódio, um dos elementos que mais se tem interessado pela reorganização do Grupo, reuniu-se ao nosso Corpo Directivo e teve a gentileza de nos acompanhar e nos informar acerca das possibilidades e dificuldades existentes. Numa cave pertencente à família Rola, pudemos ver o que resta do material do 16: Alguns armários, uma pequena biblioteca, ambulâncias, lanternas, duas tendas, que nos foi mostrado pelo antigo escoteiro Sr. Joaquim Fernando Rola. Foi ainda este jovem estudante, quem nos prometeu assumir a chefia do «16». Seu primo, Vítor Manuel Rola Martins, também estudante de engenharia, prontificou-se a coadjuvar a chefia. Ainda outro primo, Joaquim António Rola Mendes, respondeu ao nosso apelo para auxiliar a chefia.

Para nos deixar a esperança de que a reorganização do «16» era inteiramente possível, só faltavam os escoteiros. Fernando Rola tem um irmãozito de 12 anos que brincava com dois companheiros da mesma idade. Perguntámos-lhes se queriam ser Escoteiros. Seus sorrisos evidenciaram que estavam ali os três primeiros aspirantes.

O Chefe Custódio ainda tentou apresentar-nos a outros amigos interessados no «16», mas a hora ia avançada. Ficámos, porém, com a certeza de que em Carcavelos existem boas vontades, que postas em acção podem fazer ressurgir o «16. Esperamos as suas notícias.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

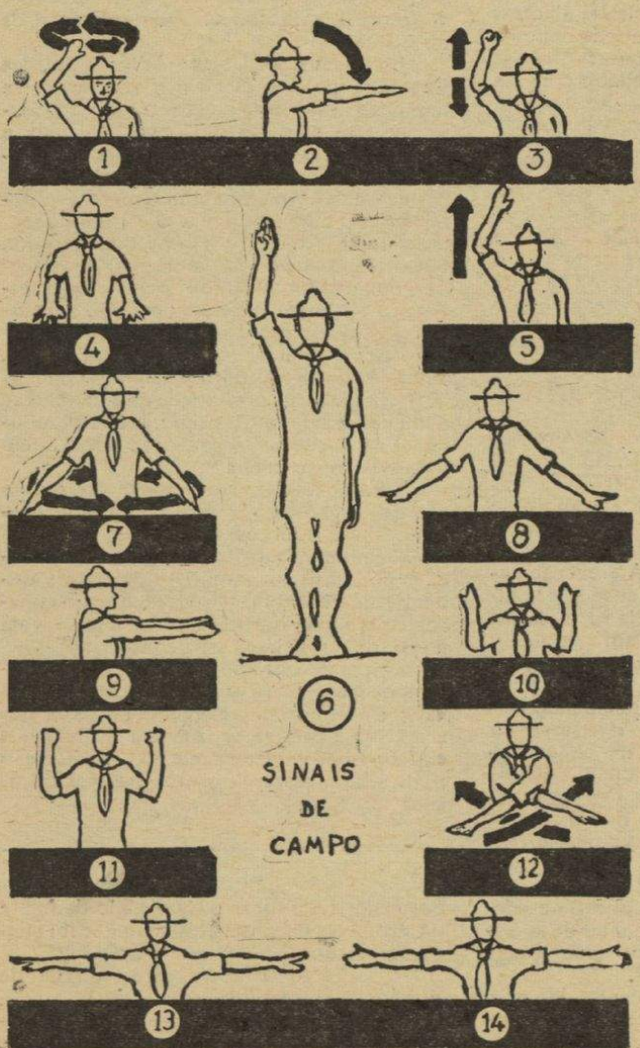
Estamos a comemorar o Jubileu do Escotismo em Portugal. Muitos Antigos Escoteiros vêm espontâneamente manifestar o seu reconhecimento para com o Movimento a que pertenceram e que tanto contribuiu para o êxito das suas vidas. Esta é uma oportunidade para tu verificares que pertences a um Movimento com profundas tradições e és depositário de um facho que deves procurar prestigiar e transmitir a novos Escoteiros. A tua patrulha já foi patrulha de muitos outros Escoteiros. O teu Grupo já acolheu muitos outros rapazes. Esses seguiram para a vida, mas confiam em ti e esperam que sejas digno continuador da obra que te deixaram. É preciso que os Escoteiros de amanhã se orgulhem de ti, como tu, hoje, te orgulhas daqueles que te antecederam.

Vai, meu caro Irmão Escoteiro, e cumpre o teu dever.

Teu dedicado amigo

LOBO VELHO

Sinais de campo



Nada há mais impróprio de uma actividade escoteira de que os repetidos apitos, gritos, ordens e constantes pedidos de atenção, que alguns dirigentes se vêem forçados a usar, para que os Escoteiros estejam atentos a qualquer ordem ou reúnam. É ainda desagradável as demoradas explicações acerca da forma que se deseja adoptada para a reunião ou formatura dos Escoteiros.

No acampamento ou na sede, o barulho não é coisa agradável e embora os rapazes gostem de o fazer, aborrecem-se quando as ordens se repetem e se chocam, sem ordem nem disciplina, ou são demasiadamente enérgicas com ares de militarismo.

No *Escotismo para Rapazes* B.-P. fala da corneta, que felizmente só muito raramente temos visto nos últimos tempos,

Pág. 6 ——→

Sinalização a grande distância

Organização de um Posto

Em Novembro, tivemos ocasião de ensinar a construir um posto de sinalização. Neste momento estará tudo pronto. É altura de proceder à distribuição dos cargos:

O *chefe do posto*, o único a comandar e a quem todos obedecem sem réplica e ràpidamente; é ele quem dirige emissões e recepções.

Dois *manipuladores* que transmitem, sem comentar, as mensagens que lhes dita o secretário.

Dois *observadores* que se não devem em caso algum distrair e que, sem cessar, devem ter os olhos fixos no posto em correspondência, tanto nas emissões como nas recepções, e que, evitando falar demasiado forte, ditam ao secretário o que observam.

Um *secretário* que escreve muito legível as mensagens recebidas ou enviadas, os incidentes de transmissão... Dita os telegramas aos manipuladores.

«*Se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro*», diz o provérbio — assim é preciso que seja na realidade — o que é indispensável respeitar, tanto quando é o vosso posto que emite como quando é ele que recebe. Se algum fala quando lhe apetece, **nunca** conseguirão coisa alguma.

Sòmente — e isto quando for estritamente indispensável — podem tomar a palavra:

O chefe do posto;
Os dois observadores;
O secretário.

As ordens devem ser dadas **com antecedência**, a fim de que cada um possa desempenhar perfeitamente a tarefa que lhe está confiada, sem pedir explicações durante o trabalho.

A regularidade é absolutamente **essencial** para este género de emissões. Para isso os manipuladores contam — bastante devagar — até 3, para um ponto; até 6, para um traço; até 3 entre as letras e até 12 entre cada palavra. Depressa, irmão escoteiro, não percas tempo. Sabes o alfabeto morse e os sinais de serviço de cor? Muito bem! mas então é necessário que te sirvas deles. Põe-te **já** a sinalizar **de verdade**.

Experimenta bater os teus próprios «records» de distância e os dos teus amigos! Convida outras patrulhas! Organiza concursos intergrupos!

De todos os cantos de Portugal enviai mensagens cada vez mais longe!

Pág. 6 ——→

CANTINHO DOS MAIS NOVOS

João Pedro de Figueiredo, antigo escoteiro do primeiro grupo e antigo chefe do Grupo 53, foi entrevistado por Luís Filipe Gomes, escoteiro da mais jovem geração e jornalista de «palmo e meio», que o procurou na sua residência, e foi amàvelmente recebido.

E assim começou a entrevista:

— Poderá o Chefe dizer-me quando ingressou no Movimento e quando fez a sua promessa escoteira?

— Eu entrei para o Movimento precisamente há 46 anos e fiz a minha promessa escoteira no 1.º acampamento desse ano do Grupo n.º 1. Era Chefe do Grupo n.º 1, o sr. Ernesto de Sousa.

— Dos cargos que desempenhou, quando Escoteiro, de qual gostou mais?

— Foi do cargo de Guia.



O Sr. João Pedro de Figueiredo responde ao Lobo Negro FOTO RUI CUNHA

— Poderá ainda fazer o favor de me dizer quantas e quais os nomes das patrulhas que tinha o 53 na altura da sua chefia?

— Tinha quatro. O nome delas é que não me lembro.

— O Chefe poderia contar ao «Cantinho dos mais Novos» um facto engraçado que tivesse acontecido na sua carreira escotista?

— Com todo o prazer. Lembro-me, por exemplo, do que se passou com um acampamento regional. Os rapazes do meu grupo não desejavam comparecer nesse acampamento. Estava muito embaraçado com o caso e convoquei uma reunião na sede e combinei com eles irmos acampar para outro lugar. Eu com os rapazes escolhi o sítio, a comida e as actividades. Mas tudo o que eles escolheram foi aconselhado por mim e sem que eles o soubessem tinham escolhido as mesmas coisas que os outros grupos iam também fazer. Quando o Grupo chegou ao local combinado, os rapazes viram com grande espanto que os outros grupos também lá estavam acampados e perguntaram-me: *Então que é isto? Os outros também cá estão!* Respondi-lhes: *Não foram vocês que escolheram o local para acampar?*

«Quando o Grupo foi fazer a comida e as actividades e viram os outros fazer as mesmas coisas que eles perguntaram-me: *Chefe: Eles também estão a fazer a mesma coisa que nós!* Novamente lhes disse: *Mas foram vocês quem escolheu aquilo que devieis fazer.* Eles desataram a rir e o acampamento terminou na maior camaradagem.»

Satisfeita a minha curiosidade, acrescentei ainda: — Para terminar esta entrevista desejava ouvir do Chefe algumas palavras dirigidas aos Escoteiros.

— Desejava que de facto todos os rapazes fossem Escoteiros, pois o Escotismo dá vida. E um rapaz que é Escoteiro e pratica diàriamente a

Pág. 7 ——→

Ernesto de Sousa,

antigo e prestigioso dirigente do «UM», fala-nos da fundação do seu grupo e da visita do Grupo Britânico de Hastings

A entrevista não teve carácter formal. Desenrolou-se durante a tertúlia dos Antigos Escoteiros em 23 de Março. Ernesto de Sousa, revelando excelente memória, descrevia-nos a forma como se fundara o grupo na União Cristã da Mocidade e conta-nos:

— Frank Giles e John Brown, dois rapazes britânicos, apareceram na União a propor aos srs Horner e Moreton a fundação de um grupo de escoteiros. Estes, espíritos abertos, acarinharam a iniciativa e lembram-se que seria eu a pessoa indicada para chefiar o grupo. Disse-lhes que não me importaria, mas que não conhecia nada do Escotismo. Que organizassem o grupo para eu ver do que se tratava, me proporcionassem elementos de estudo e depois resolveria.

— Mas não foi Frank Giles que chefiou o grupo no princípio? — perguntámos.

— Sim foi. Mas tanto ele como Brown não conheciam bem o português e tinham dificuldade, por esse facto, em dirigir os rapazes. Com estes dois ingleses vinham outros nove rapazes portugueses e foram estes onze que em 9 de Abril de 1912 fizeram compromisso de honra e deram início ao grupo. Pouco depois assumi eu, então, a chefia.

«Logo que eclodiu a Grande Guerra, Giles foi chamado ao serviço militar Sabemos que morreu em combate completamente despedaçado por uma granada que rebentou na sua frente.»

Durante a tertúlia falou-se também na visita do grupo de escoteiros inglês da cidade de Hastings. Ernesto de Sousa, verificando o nosso interesse, prestou-se a informar-nos:

— Em 1913, um barco de carga português naufragou perto de Hastings, no sul da Inglaterra. Os náufragos foram socorridos pelo grupo de escoteiros daquela cidade, que salvou muitos deles. O acto dos Escoteiros foi muito apreciado e, através dos jornais ingleses, foi conhecido do Pastor Ligthgow, da Igreja Presbiteriana Escocesa de Lisboa, tendo ele e sua família tomado a iniciativa de procurar os srs. Horner e Moreton propondo que fosse convidado o Grupo de Escoteiros de Hastings para visitar Lisboa. Como o nosso Grupo de Escoteiros não tinha fundos suficientes para suportar os encargos desta viagem, Ligthgow, Horner e Moreton interessaram a colónia inglesa no assunto e a visita fez-se.

«Houve um grande desfile de escoteiros no Terreiro do Paço. À frente, o Grupo inglês com uma charanga de flautins, depois os portugueses. Foi um êxito! Na Escola Académica, na Calçada do Carmo, efectuou-se uma grande demonstração escotista. Estiveram presentes personalidades de grande relevo na vida nacional. Os escoteiros ingleses estiveram na Câmara Municipal e foi-lhes oferecido um chá na Embaixada Inglesa. Por toda a parte foram bem recebidos e homenageados.»

E, através de agradáveis recordações, em que participavam Humberto Martins, Westwood, Cosme V. Leitão e Albano da Silva, terminou esta reunião de Tertúlia da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

E. R.

«Sempre Pronto»

O nosso prezado colega do Porto, *Portugal Evangélico*, teve a gentileza de se referir ao XVII aniversário do nosso jornal com palavras de simpatia que muito agradecemos e sinceramente retribuímos.

O JUBILEU DO ESCOTISMO EM PORTUGAL

A Fundação do Escotismo em Portugal

Foi precisamente em 9 de abril de 1912 que se fundou na União Cristã da Mocidade, na Rua das Gaivotas, em Lisboa, no local onde é hoje a sede da Liga Nacional do 28 de Maio, o Primeiro Grupo de Escoteiros. A União Cristã da Mocidade era a instituição própria para servir de berço ao primeiro grupo de escoteiros. Já em Londres foi também a instituição congénere que promoveu a criação do primeiro grupo de escoteiros britânico e circunstância semelhante aconteceu noutros pontos. Mas a nossa União tinha naquele momento o ambiente ideal para propiciar o desenvolvimento dos ideais escoteiros. Rodolfo Horner e Roberto Morenton eram os expoentes máximos do espírito fraterno que alimentava um escol de boas vontades.

Não somos nós — mais novos — quem pode evocar esse momento da história do Escotismo Nacional. O Rev. Eduardo Moreira, que foi secretário do grupo 1, fá-lo em lugar próprio com o brilho que lhe é peculiar e perfeito conhecimento pois viveu esses momentos. Nós apreciamos a obra do do Grupo 1 através dos testemunhos daqueles que o constituíram. Sem dúvida que nenhuma outra unidade apresenta um núcleo de «antigos» tão estreitamente ligado pelos laços fraternos. Facto interessante, que merece a pena pôr em relevo: Tendo sido o Grupo 1 anexo a uma instituição de natureza evangélica, fizeram parte dele escoteiros de diferentes opiniões e crenças, mas todos são unânimes em afirmar o alto espírito de tolerância e de respeito pelas opiniões alheias que ali se vivia.

Por ocasião da sua fundação, o grupo foi chefiado pelo súbdito britânico Frank Giles, filho de um director da Carris, e dele fez parte outro seu compatriota, John Brown, filho do engenheiro-chefe da geradora eléctrica da mesma empresa. Fizeram também compromisso de honra Roberto Canuto, que é hoje chefe da Redacção de «O Castanheirense»; Romérito Rodrigues Pampolim, Horácio Nunes Delgado, capitão Júlio Ribeiro da Costa, antigo dirigente desportista; Luís Clipton Lobo, A. G. Gomes, José Maximiano da Silva, que foi industrial conserveiro em Peniche e faleceu há cerca de dez anos; João da Silva Rosado, Evaristo Pires Ramos e Roberto Benton Rangel.

O Basquetebol foi introduzido em Portugal pelo grupo um

Foi este Grupo que pela primeira vez jogou o basquetebol em Portugal. Foi jogado no Alfeite com dois chapéus de escoteiro presos a pinheiros e servindo de cesto. Foi depois a União que divulgou a modalidade em Portugal e durante muitos anos teve uma boa equipa, que marcou lugar de destaque nos respectivos campeonatos. Outros desportos foram divulgados no nosso país pela União.

Pelas fileiras do Um passaram dezenas de rapazes, cujos nomes gostaríamos de citar aqui. Muitos aí estão convivendo ainda connosco nas actividades da Fraternal: Humberto Martins, artista-escoteiro, que sempre anima com o seu entusiasmo as reuniões da nossa Fraterna; Albano da Silva, Daniel Correia, Júlio de Leão de Almeida, Júlio Trindade, João Clímaco do Nascimento, Alfredo Gallis, Cosme Vieira Leitão, Júlio Almeida Nogueira, Ernesto de Sousa, Rui da Silva Paulo, António Gonçalves, Dr Leopoldo de Figueiredo, David de Baudoum, Sigvald Wiborg, W J. Westwood, Gustavo Moreira, Manuel Peixoto, Ferreira da Silva, e outros cujos nomes nos não ocorrem agora.

Muitos encontram-se longe: Chamusco, nas Bermudas, segundo supomos; Nascimento Freire, na Beira; António Afonso, em Angola; Edmundo de Matos, em Lourenço Marques; outros mais perto: Dr. Ernesto Moreira, nas Caldas da Rainha; Henrique Casquilho, em Coimbra; e tantos outros de que não temos notícia.

A obra de um grupo de escoteiros afere-se pela influência que exerce na personalidade dos seus membros. A obra de fachada, a mera propaganda, não faz um grupo de escoteiros. No «Um» forjavam-se caracteres e a prova está aí nesse escol de almas devotadas à Grei, que muito anos passados louvam a instituição que os formou sem violentar o seu espírito. Começou bem o Escotismo em Portugal, por isso tem conseguido sobreviver à asfixia a que tem estado sujeito.

Sinais de campo

← Pág. 4

como instrumento incomodativo e óptimo para arranjar inimigos na vizinhança. Para grandes distâncias aconselha o apito.

Hoje vamos apresentar sinais silenciosos de índole perfeitamente escoteira. O seu uso demonstra ordem e disciplina e dá excelente resultado. Alguns deles foram usados pelos índios. Os peles-vermelhas actuavam em completo silêncio nas suas explorações por causa dos inimigos. As comunicações eram feitas sem ruído, por simples gestos.

Estes sinais são especialmente úteis nos grandes jogos, pois basta um pequeno gesto para que o Chefe ou o Guia de Patrulha faça saber aos Escoteiros as manobras a efectuar. Além destes sinais, o Guia pode adoptar outros, de natureza secreta, só conhecidos dos membros da Patrulha. Recomendamos a leitura das páginas 84 e 85 de *Escotismo para Rapazes.*

Examinemos agora atentamente a gravura:

1 — REUNIR NA RETAGUARDA EM CÍRCULO. Rodar a mão direita em círculo sobre a cabeça.

2 — EM FRENTE (SIGA-ME). Estender o braço direito verticalmente na direcção pretendida.

3 — APRESSAR (dois tempos). — Levantar e baixar o braço, dobrando-o no cotovelo, com a mão fechada.

4 — ABAIXAR (ocultarem-se). Estender os braços com as mãos e dedos bem abertos.

5 — ALTO! (Suspensão da marcha). Levantar o braço direito com a mão aberta.

6 — ATENÇÃO! Quando pretender silêncio faça a saudação. Imediatamente, o primeiro escoteiro que veja fará calar o parceiro e assim sucessivamente. Num ápice estará tudo calado. Não empregue qualquer palavra e conserve-se quieto.

7 — FORMATURA EM CÍRCULO. Com os braços esticados e dedos unidos faça semi-círculos em volta do corpo.

8 — FORMATURA EM FERRADURA. Estique os braços abertos em 45°, lateralmente.

9 — FORMATURA EM COLUNAS PARALELAS. Estique os braços horizontalmente com as mãos abertas e dedos unidos.

10 — ABRIR COLUNAS DE PATRULHA. Eleve os braços dobrados pelo cotovelo e mantenha as mãos abertas e dedos esticados.

11 — FECHAR COLUNAS DE PATRULHA. A mesma posição anterior mas com as mãos fechadas.

12 — DESTROÇAR. Cruzar os braços estendidos repetidas vezes em frente do corpo.

13 — PELA DIREITA PERFILAR. Estender os braços e dedos, com as palmas das mãos voltadas para o solo, horizontalmente.

14 — FORMATURA EM LINHA. A mesma posição anterior, mas as palmas das mãos para a frente.

No caso de utilizarmos os sinais para a formatura, a primeira coisa a fazer é a posição 6. Após o silêncio, faz-se o sinal da formatura que se pretende.

Treine estes exercícios com os seus Escoteiros. Se alguma vez os executar perante o público, este ficará impressionado com o garbo, disciplina e educação dos rapazes, características e virtudes bem escoteiras.

ARMANDO G. INÁCIO

Sinalização a grande distância

← Pág. 4

Indica-nos os resultados que tens alcançado.

Se tens objecções a fazer ou processos capazes de melhorar a «técnica» da *sinalização a grande distância,* não os guardes para ti, faz com que os teus irmãos aproveitem deles, escreve-nos ràpidamente, nós te aconselharemos e aceitaremos as tuas boas ideias.

Esperamos, pois, as tuas cartas, não é verdade?

F. BARADEZ

Curiosa história de um pequeno quadro

Na sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, no Largo do Barão de Quintela, a primeira corporação do género que se fundou entre nós, há noventa e três anos, a 18 de Outubro de 1868 e que foi a precursora da nobre causa do Voluntariado em Portugal, existe, ocupando lugar de honra, um pequeno quadro a óleo no qual se encontra retratado o insigne maestro Guilherme Cossoul, fundador da benemérita Associação.

O quadro atrai imediatamente o olhar curioso do visitante, porquanto o estranho cenário que rodeia a personagem e o trajo desta oferecem singular contraste.

Num telhado, emergindo duma trapeira rodeada pelas chamas, sobressai a figura de Guilherme Cossoul em irrepreensível trajo de rigor, dois botões de brilhantes refulgindo no peitilho alvo da camisa engomada e, debaixo do braço, a batuta de regente de orquestra, enquanto que, numa das mãos apontada às chamas ameaçadoras, segura uma agulheta jorrando água.

Merece a pena narrar o curioso episódio que deu origem a tão estranho quadro.

Vivia S. Carlos a época lírica de 1869. Regurgitava a magnífica sala nessa noite em que se cantava a «Africana» do compositor alemão Meyerbeer, interpretada entre outros artistas pela cantora Lotti e seu marido.

Na regência, Guilherme Cossoul, director da orquestra. Esta, prestes a atacar os primeiros compassos, eis senão quando na sala se derrama a notícia de grande incêndio num prédio de Lisboa. Ao maestro no seu posto, sobrepõe-se o ímpeto abnegado do bombeiro no cumprimento da sua sagrada missão. Ei-lo, perante a assistência atónita, abandonando a orquestra e a sala, despedindo rápido para o local do incêndio onde toma o comando dos seus bravos homens.

Cossoul, que à sublime arte dos sons aliava um incontido amor pela causa dos bombeiros, havia, em reconhecimento pela sua dedicação a tão elevado ideal, sido nomeado por El-Rei D. Luís, em Novembro de 1867, Capitão-Chefe dos Incêndios da Freguesia dos Mártires.

Lotti, cantor, que nos lazeres do bel-canto manejava a paleta e o pincel e jamais assistira a tão imprevisto episódio que profundamente o emocionou, imortalizou-o na tela que, com a sua assinatura, a gloriosa e velha Associação guarda como veneranda relíquia bem junto de outra não menos veneranda, o Diploma firmado pelo punho de El Rei D. Luís, da nomeação de Guilherme Cossoul, atrás citada, título de que se orgulhava bem mais do que o de Director da Orquestra do Real Teatro de S. Carlos.

À guisa de nota, diremos ainda que aos destinos desta benemérita Associação, presidiu, durante cerca de trinta anos, o nome prestigioso e querido para todos os Escoteiros do nosso saudoso companheiro Dr. Alfredo Tovar de Lemos.

Luís Simões Aurélio

CANTINHO DOS MAIS NOVOS

←———— *Pág. 5*

sua Lei estará mais apto para servir a sua Pátria, o Escotismo e a Sociedade.

— E pronto, Chefe. Aqui acaba a nossa conversa. O «Sempre Pronto» está-lhe muito grato pelo obséquio que teve em responder às nossas perguntas.

E assim terminou esta entrevista com o Antigo Chefe do Grupo 53, sr. João Pedro Figueiredo, que muito contribuiu para o engrandecimento do Escotismo em Portugal. Os Escoteiros de Portugal estão-lhe muito agradecidos por tudo que fez em favor do Escotismo Português. É interessante acrescentar que no dia em que se efectuou esta entrevista a filha do nosso entrevistado — Maria João Figueiredo — fez a sua promessa como Guia na 9.ª Companhia. À nossa nova Guia o «Sempre Pronto» deseja muitas felicidades.

Lobo Negro

N. da R. — *Sem dúvida que o Cantinho dos mais Novos descobriu um jornalista. O nosso Guia Luís Filipe, o Lobo Negro, tomou a iniciativa de fazer esta entrevista, cujo articulado é inteiramente seu. Esperamos que esta sua atitude sirva para despertar novas iniciativas de outros Escoteiros.*

FILATELIA

2.ª Exposição Nacional do Selo Escoteiro

REGULAMENTO

1.ª — Integrada no 50.º aniversário da introdução do escotismo em Portugal e por ocasião da saída da primeira emissão de selos portugueses dedicada ao Escotismo, realiza-se a 2.ª Exposição Nacional do Selo Escoteiro.

2.ª — A Organização pertence à Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e a exposição será realizada em Lisboa. Prestam-nos a sua valiosa colaboração os C. T. T., Clube Filatélico de Portugal e o Jornal «Sempre Pronto.»

3.ª — A inscrição está aberta a todos os coleccionadores portugueses, só sendo admitidas colecções cujos motivos se integrem na temática escotista.

4.ª — O Júri será constituído por Membros da Direcção do Clube Filatélico de Portugal e por um representante da F. A. E. P. e das suas decisões não haverá recurso.

5.ª — Serão atribuídas medalhas aos três primeiros classificados, além de diplomas e outros prémios que venham a ser oferecidos.

6.ª — As inscrições são gratuitas e devem ser enviadas até ao dia 15 de Maio à sede da F. A. E. P. — Rua de S. Paulo, 254, 1.º — Lisboa 2 — juntamente com os trabalhos a expor.

7.ª — A Secção Filatélica da F. A. E. P. não assume qualquer responsabilidade pelo extravio ou deterioração das colecções recebidas, mas fará tudo quanto em si caiba para a sua guarda e devido resguardo.

8.ª — Todas as despesas de transporte das colecções serão por conta dos expositores.

9.ª — Os trabalhos recebidos só poderão ser levantados 3 dias após o encerramento da exposição.

10.ª — O envio do boletim de inscrição, devidamente assinado, significa a aceitação pelo expositor, do presente Regulamento.

Emissão Escoteira Portuguesa

Embora sem confirmação oficial, podemos informar que a emissão dos selos postais pelos C. T. T. será feita na seguinte base:

$20 centavos, 12 milhões; $50 centavos, 9 milhões; 1$00, 8 milhões; 2$50, 2 milhões; 3$50, 1,5 milhões; 6$50, 0,5 milhão.

É pena que a série fique tão dispendiosa, o que vai certamente dificultar a sua aquisição a muitos filatelistas.

Prof. Raul Machado

Em 24 de Março último, faleceu em Lisboa este sacerdote e prestigioso professor da Língua Portuguesa, que como Director da Sociedade de Língua Portuguesa e do seu Boletim prestou serviços relevantes à cultura da língua pátria.

Quando «Sempre Pronto» procedeu à discussão da ortografia da palavra «escoteiro», o Dr. Raul Machado prontificou-se a dar o seu parecer naquele Boletim.

Todos os que trabalham em *Sempre Pronto* sentem a morte do ilustre homem de letras e apresentam sentidos pêsames à Direcção da Sociedade de Língua Portuguesa.

Anedotas

Num acampamento, o Chefe pergunta ao Guia de Patrulha:

— Quantos escoteirós dormem nesta tenda?

— Nenhum, chefe.

— ! ?

— Os mosquitos não deixam...

— ■ —

Durante a instrução acerca de orientação, o Chefe desenha no quadro a Rosa dos Ventos e coloca, depois, as letras indicatórias: N, S, L, O.

Acontece, porém, que escreve a letra L *à esquerda e a letra* O *à direita. Há uma surdina de «oh! oh!»*

Um dos rapazes, mais corajosos, observa:

— O Chefe, enganou-se: O Leste marca-se à direita!

O Chefe, atrapalhado, carrega o sobrolho e olhando de revés o corajoso, explica:

— Não vês que eu sou canhoto?

Já se disse que um Chefe que pensa naquilo que ELE QUER, e não naquilo que os seus rapazes querem, mal se pode queixar se não encontrar muito entusiasmo escotista no seu Grupo.

ROLLAND PHILIPPS

PROBLEMA POLICIAL N.º 9

O JOALHEIRO ASSASSINADO

Naquela manhã de Junho, o Inspector foi chamado para resolver o «caso» do joalheiro Vidal, que aparecera assassinado à punhalada no escritório da sua loja.

O móbil do crime fora o roubo, pois milhares de escudos em jóias tinham desaparecido.

— Quando saí só ficaram na loja o sr. Vidal, o gerente, sr. Pedro, e um cliente — afirmou Vítor, empregado da casa.

— A que horas saiu? — interrogou o Inspector.

— Às 19.15 como habitualmente, sou eu quem fecha a loja.

Foi interrogado seguidamente o gerente da casa.

— Depois da loja fechada, estive tratando de assuntos de compras de jóias com o sr. Vidal até cerca das 21 horas. O sobrinho do sr. Vidal esteve connosco, mas cerca das 20 horas despediu-se e disse que ia jantar.

— Que sangue é esse que tem no punho direito? — perguntou o Inspector.

— Minha mulher feriu-se e eu fiz-lhe o penso, mas com a pressa esqueci-me de mudar de camisa.

O Inspector resolveu interrogar o sobrinho da vítima:

— O senhor é parente único?

— Não. Há mais sobrinhos.

— Conte-me quando foi a última vez que viu seu tio.

— Estive ontem com ele e o gerente na loja, tratando de assuntos do negócio.

— A que horas saiu? — insistiu o Inspector.

— Não reparei bem porque estava muito escuro na rua, mas deviam ser 20 e 5 ou 20 e 10.

— Vem muitas vezes à loja?

— Frequentemente.

O nosso Inspector pensou um pouco e mandou prender um suspeito. Poderá o estimado leitor dizer quem foi?

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

O ditongo e o mendigo

Cão, chão, pão, mão, não.

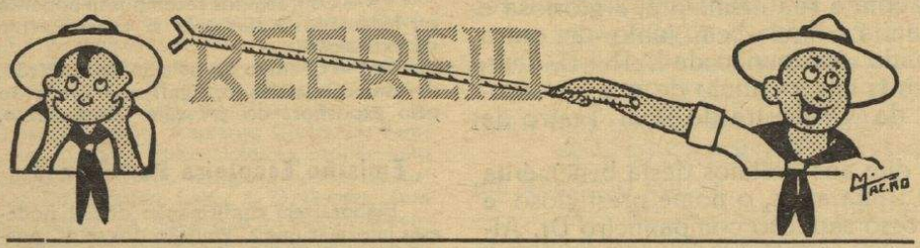
Adágio escondido

O melhor é inimigo do bom

PALAVRA QUADRADA	ENIGMA
AZUL ZELO ULNO LOAS	JOÃO

Problema policial n.º 8

A existência do protector de biqueira de sapato, que não pertencia ao Maestro, veio revelar que outro homem esteve na sala dos instrumentos. Por isso o Inspector perguntou ao electricista que calçado ele usava. Este respondeu que eram sapatos de borracha, sola de Ceilão. Mentiu porque o porteiro na véspera ouvira «perfeitamente as suas sonoras passadas», que não podiam ser causadas por aquela sola. Foi ele, portanto, o suspeito.



PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	
1					Povoação
2					Deusa dos Egípcios
3					Instrumento Musical
4					Membros voadores

Quebra cabeças

D O
D . . O
D . . . . O
D . . . . . . O
D . . . . O
D . . O
D O

1. Cubo — 2. Rosto — 3. Bifurcado — 4. Formado de duas flores — 5. Cruel.

Decapitações

. . . . . Rusgas
. . . . . Molhas
. . . . Nome de homem
. . . Fluido acriforme
. . Artigo
. Consoante

É bom saber...

Plantas que batem o "record"

De *tenacidade:* Na Jamaica, em Barbados e outras ilhas das Índias Ocidentais, há uma espécie de musgo a que os indígenas chamam a *planta da vida*, porque não há maneira de a destruir senão queimando-a ou fervendo-a. Se for arrancada e cortada em pedacinhos, minúsculos que sejam, cada partícula lança novas raízes, cresce e reproduz-se.

De *rapidez de crescimento:* Um lírio natural dos pântanos da China e do Japão, e que é parente do famoso *Victória Regia* do Amazonas, lança em nove dias folhas que chegam a ter 1,5m. de diâmetro.

Este diâmetro cresce às vezes de 1 a 1,5 cm. por hora.

De *beneficência:* Deste é detentora a papoula donde, além da morfina, se extraem 21 medicamentos diferentes.

De *atracção e repulsão:* O carvalho é a planta que atrai maior número de insectos parasitas. Há pelo menos 500 espécies que vivem à custa desta árvores. A bananeira, pelo contrário, não é visitada nem picada por qualquer insecto.

De *...atarracamento:* Este record pertence a um cogumelo encontrado num Jardim em Bonneville (França) e que tinha: 27 cm. de altura; 67 cm. de diâmetro, e perto de 1.5 quilos de peso.

Um sorriso em vida vale mais do que dez ais diante dum morto.